

Fevereiro 2022

# DESCARBONIZAÇÃO NOS MERCADOS EMERGENTES

---

Perspectivas e percepções sobre o México,  
a América Central e o Caribe, e a América do Sul



# INTRODUÇÃO

Na COP 26 de Glasgow, realizada em novembro de 2021, a Janus Henderson reuniu um painel de especialistas do mercado para falar sobre o tópico da Descarbonização nos Mercados Emergentes. O painel incluía especialistas acadêmicos, ONGs, políticos nacionais e executivos do setor.

## As principais conclusões foram as seguintes:

- Os mercados emergentes estão enfrentando desafios de descarbonização totalmente diferentes dos países desenvolvidos. Muitos continuam lutando contra a COVID, o que torna difícil pensar na transição para um futuro com emissões de carbono zero. Uma questão fundamental é a necessidade de mecanismos de financiamento muito melhores que ajudem os mercados emergentes a transitar para as emissões de carbono zero, e especialmente a 'viabilidade financeira' dos projetos de energias renováveis.
- Melhores mecanismos de financiamento poderiam estar disponíveis se um aumento na emissão de obrigações associadas ao clima permitisse que os Mercados Emergentes explorassem os mercados de capitais, ajudando a colmatar a lacuna financeira.
- A ação política é necessária como mecanismo de suporte e capacitação, particularmente no caso dos mercados emergentes. Os governos têm um papel claro a desempenhar na transição energética e, indiscutivelmente, deveriam criar a estrutura e as estratégias necessárias.
- O setor energético faz parte do problema das alterações climáticas, já que muitos mercados emergentes dependem dos combustíveis fósseis, mas também poderia fazer parte da solução. O setor também poderia ajudar a enfrentar as alterações climáticas, sobretudo por meio das tecnologias eólica e solar, e gerar oportunidades sociais e econômicas, dada a potencial geração de empregos associada a esses projetos.

Após o evento, a Janus Henderson comprometeu-se a realizar uma pesquisa profunda sobre as ações que estão sendo realizadas para implementar a descarbonização nos Mercados Emergentes. Considerando as observações finais do painel, que deram enfoque à exploração de uma combinação de iniciativas de sucesso já em andamento, estruturas políticas e necessidades de financiamento, decidimos criar um índice para rastrear esses três fatores por meio de fontes abertas, objetivas e terceirizadas.

## ENERGIAS RENOVÁVEIS/ PARTE DA COMBINAÇÃO ENERGÉTICA



Fontes: IRENA

### Pontuações:

>30%: 2 pontos  
15-30%: 1 ponto  
<15%: 0 pontos

## DATA ALVO DAS EMISSIONES DE CARBONO ZERO



Fontes: Compromissos da COP/NDCs

### Pontuações:

Antes de 2040: 2 pontos  
2040-2050: 1 ponto  
Depois de 2050: 0 pontos

## FINANCIAMENTO DE ENERGIA LIMPA



Fonte: CBI. Emissão de obrigações climáticas na região (acumuladas até o final de 2021)

### Pontuações:

> US\$50 bilhões: 2 pontos  
US\$1-50 bilhões: 1 ponto  
< US\$1 bilhões: 0 pontos

### Pontuação total:

- Cada categoria recebeu o peso de 1/3 para o cálculo da pontuação composta de cada país.
- Pontuação composta de cada país, ponderada no índice regional, pelo peso percentual de cada país no PIB real regional per capita em dólares PPP, no final de 2020 (Fonte: FMI.)
- Soma regional x 100

## Metodologia

O resultado foi o Índice Janus Henderson Decarbonisation EM. O Índice estabelecido com ponderação equitativa das pontuações atribuídas a três tendências, que podem ser rastreadas com eficácia ao longo do tempo. Cada tendência é rastreada segundo um indicador indireto, que acreditamos ser capaz de determinar o grau e a velocidade do avanço das tendências de descarbonização, agora e no futuro.

- ▶ A primeira categoria, composta pelas **energias renováveis como parte do consumo energético final total**, destina-se a estabelecer um nível de benchmark para os recursos de energias renováveis existentes.
- ▶ A segunda, composta pelas **datas alvo das emissões de carbono zero**, estabelecidas como parte das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) definidas pelo Acordo de Paris, é um indicador indireto da estrutura política que sustenta os movimentos rumo à descarbonização.
- ▶ A terceira, composta pela **emissão de obrigações climáticas até a data**, visa a saber até que ponto um país ou região tem sido capaz de explorar os mercados de capitais para preencher sua lacuna financeira.

Exploraremos os resultados em toda a região coberta por este relatório nas seções abaixo, e relataremos o desempenho das outras regiões ao longo de 2022. Cada relatório também destacará as iniciativas políticas mais significativas adotadas em cada região dos Mercados Emergentes, discutindo ações de descarbonização corporativas individuais que se destacam como inovadoras aos olhos da equipe de investimentos da Janus Henderson. Finalmente, lançaremos um apelo à ação em cada região para estimular a reflexão sobre a melhor forma de acelerar a transição para as emissões de carbono zero.

O resultado foi o Índice Janus Henderson Decarbonisation EM. O Índice estabelecido com ponderação equitativa das pontuações atribuídas a três tendências, que podem ser rastreadas com eficácia ao longo do tempo.

## VISÃO GERAL REGIONAL

### América Central e Caribe, e América do Sul

O índice Janus Henderson EM da região permanece em 19,04 desde o final de 2021. Os principais motivos para este nível atual são:

- Porcentagem significativa de energias renováveis no consumo energético final total em diversos países grandes e densamente povoados – principalmente alimentados por energia hidrelétrica
- Vasta adesão à transição para a meta de emissões de carbono zero em 2050, com algumas exceções notáveis
- Uso limitado, até o momento, de instrumentos financeiros associados ao clima para financiar projetos de descarbonização, com destaque para emissores significativos de um único país, como o Chile

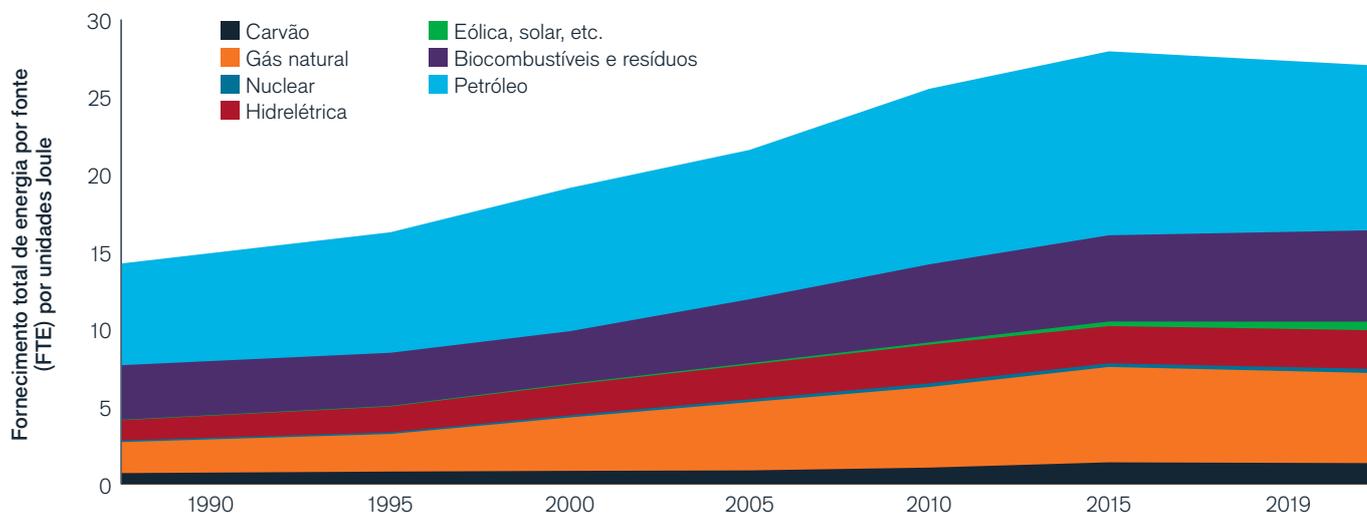
Em muitos casos, os recursos naturais dos países já foram explorados de maneira significativa para a geração de energia renovável. Projetos de energia solar e eólica estão sendo estabelecidos em grande escala em países como Brasil, Chile e Uruguai. Esforços de longa data para gerar eletricidade por meio de centrais hidrelétricas – muitas vezes como parte de uma estratégia industrial nacional direcionada, como no Paraguai – contribuem ainda mais para o uso de fontes de eletricidade não baseadas em combustíveis fósseis na região. Finalmente, a biomassa é uma fonte de energia renovável para a qual vários países, grandes e pequenos, direcionaram recursos significativos, especialmente na América Central e no Brasil.

Também estão sendo feitos mais investimentos na capacidade de geração de energia renovável na região, com base em projetos anteriores e com expansão para novas capacidades. De acordo com a mais recente previsão da Agência Internacional de Energia, a produção total das energias renováveis em gigawatts na região aumentará 34% nos próximos cinco anos: de 278, no final de 2020, para 374, até o final de 2026.

Fonte: Relatório sobre Fontes Renováveis 2021 da AIE.

# 19,04

O índice Janus Henderson EM da região permanece em 19,04 desde o final de 2021.



Fonte: IEA

## Propulsores econômicos da geração de energia renovável

Embora diversos países da região tenham recentemente concentrado esforços na descarbonização sob o prisma do Acordo de Paris, é importante notar que, para muitos países, o enfoque na geração de energia renovável não é nenhuma novidade.

As crises energéticas dos anos 70, por exemplo, foram um catalisador para que a produção de etanol se tornasse significativa no Brasil. As altas taxas de crescimento econômico nas décadas mais recentes, correlacionadas ao aumento na demanda por combustíveis fósseis e, conseqüentemente, os maiores custos de importação, também impeliram os países importadores líquidos de petróleo, como o Uruguai e a Guatemala, a diversificar suas fontes de energia. E países como o Brasil e o Paraguai possuem um compromisso de longa data de gerar eletricidade por meio de centrais hidrelétricas.

Atualmente, a energia hidrelétrica, por si só, contribui para 45% da geração de eletricidade na América Latina, com potencial para crescer ainda mais, de acordo com um recente relatório da AIE (Impactos climáticos sobre energia hidrelétrica na América Latina, janeiro de 2021). Ironicamente, porém, o impacto das mudanças climáticas pode afetar negativamente a geração de energia hidrelétrica, dada a incerteza trazida pelas alterações na pluviosidade e pelo degelo dos glaciares, fatores atribuídos às mudanças climáticas. Em parte, isto ajudou a mudar o enfoque dos investimentos futuros em energias renováveis para outras fontes, como a energia eólica e solar.

Uma característica subvalorizada dos esforços de descarbonização da região é o papel de liderança que diversos países menores – e muitas vezes mais pobres – exercem em gerar uma quantidade significativa de sua energia a partir de fontes renováveis. Por vezes, esse fato tem sido o resultado de uma assistência multilateral significativa; em outros casos, é o resultado de planos estratégicos a longo prazo visando aumentar a resiliência econômica. Infelizmente, porém, isso também indica que muitos países pequenos possuem uma baixa capacidade geral de geração de energia – e a alta porcentagem de fontes renováveis como parte da combinação não deve, no caso de países como o Haiti, prejudicar os esforços adicionais para fornecer recursos energéticos confiáveis para uma porção maior da população.

### OS 5 PRINCIPAIS PAÍSES COM A MAIOR PARCELA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS EM PORCENTAGEM DO CONSUMO ENERGÉTICO FINAL TOTAL

País	TEFC% de
Haiti	76,2
Guatemala	64,1
Uruguai	60,7
Paraguai	59,2
Honduras	50,1

Fonte: Agência Internacional para as Energias Renováveis, 3º Trimestre de 2021

# 34%

A produção total das energias renováveis em gigawatts na região aumentará 34% nos próximos cinco anos.

### Perspectiva da Janus Henderson

“Quando se trata de financiar as iniciativas de descarbonização, acreditamos que os governos soberanos tenham um papel maior a desempenhar; os países podem aumentar a dívida em níveis menores e ajudar a estabelecer uma taxa de referência para outras entidades. Também é importante fazer a diferença entre disposição e capacidade de descarbonizar a economia – as nações em desenvolvimento precisam de apoio, que obviamente poderia vir de subsídios multilaterais, mas que também pode assumir a forma de transferências de tecnologia ou outros meios não financeiros. Em alguns casos, pode ser necessário introduzir os chamados ‘loss leaders’ para ajudar a abrir caminho para iniciativas-chave realmente inovadoras. Neste primeiro estágio, acreditamos que a renda fixa possa ter um papel limitado no financiamento da inovação, mas quando as tecnologias e os esforços locais estiverem mais avançados, a renda fixa pode certamente preencher a lacuna de financiamento.”

**Jennifer James**

Gerente de portfólio

## Conjuntura política desde o Acordo de Paris e impacto sobre o preenchimento da lacuna financeira

As metas do Acordo de Paris foram incorporadas às metas políticas nacionais em vários países da região, com algumas exceções significativas, bem como interrupções e reinícios, particularmente desde o início da pandemia de Covid 19.

A adesão, pelo menos a princípio, à meta de emissões de carbono zero 2050 é consistente entre os maiores países da região, com as notáveis exceções do México e da Venezuela. Em outro exemplo de um papel de liderança inesperado de países menores, o Suriname alega já ter alcançado a meta de emissões de carbono zero há muitos anos – impulsionado, deve-se dizer, pela densa floresta que cobre sua superfície e que atua como sumidouro de carbono, e não a uma capacidade significativa de explorar energias renováveis.

Como veremos na próxima seção, porém, os amplos compromissos com as emissões de carbono zero não se traduziram em um uso significativo de instrumentos de financiamento dos mercados de capitais associados ao clima até o momento. Embora existam fatores limitadores em termos de profundidade geral dos mercados de capitais locais, a estrutura das emissões de carbono zero pode ser atualmente considerada um sinal necessário de intenção política, mas ainda não constitui uma condição suficiente para um financiamento em escala razoável dos mercados financeiros para as iniciativas de descarbonização.

# 45%

Atualmente, a energia hidrelétrica, por si só, contribui para 45% da geração de eletricidade na América Latina.

## Preenchendo a lacuna financeira

A necessidade de uma conjuntura política de apoio é crucial para ajudar os investidores a obter a confiança necessária para apoiar projetos financiados pelo setor privado. Analisamos a emissão acumulada de obrigações climáticas na região, considerando a emissão total de obrigações nominais e a emissão ponderada pelo tamanho da população de cada país. Os 5 principais países de cada caso são os seguintes:

### 5 PRINCIPAIS PAÍSES, EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES CLIMÁTICAS, NÃO PONDERADA

País	Emissão de obrigações climáticas (m)	Emissões de carbono zero até 2050
Chile	9.000	Sim
Brasil	8.700	Sim
México	3.800	Não
Peru	1.100	Não
Argentina	735	Sim

### 5 PRINCIPAIS PAÍSES, EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES CLIMÁTICAS, PONDERADA PELA PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO REGIONAL TOTAL

País	Obrigações climáticas ponderadas (m)
Brasil	2.792,2
México	739,8
Chile	259,8
Peru	57,4
Colômbia	52,6

Fonte: Iniciativa de Obrigações Climáticas, 4º Trimestre de 2021

A escala da emissão de US\$45 bilhões até o momento, em termos absolutos a partir de 12 países, é pequena para a região, em relação ao tamanho geral do mercado global de obrigações climáticas, que está acima de US\$1 trilhão. A emissão limitada foi impulsionada por três fatores principais:

- Falta de liderança na emissão por parte dos devedores soberanos na região, o que dificulta uma adoção mais ampla das obrigações climáticas por parte de emissores corporativos. Apenas o Chile emitiu obrigações verdes soberanas até a data (embora se deva observar que países como o México e o Equador emitiram obrigações de sustentabilidade soberanas associadas.)
- ‘Viabilidade financeira dos projetos’ – embora diversos projetos de grande escala estejam agora em andamento em países como o Chile e a Colômbia, e outros ainda estejam sendo ativados, como mencionamos acima, o pool de projetos com viabilidade de investimento permanece limitado no momento em relação a outras regiões do mundo, particularmente a Ásia.
- O investimento estrangeiro direto tem sido um fator parcialmente mitigador – vários projetos de grande escala associados a energias renováveis, como as grandes usinas solares no deserto do Atacama, no Chile, foram amplamente financiados por patrocinadores corporativos dos mercados desenvolvidos, com balanços significativos e melhores avaliações relativas de crédito do que os nomes que atuam no mercado doméstico.

# ESTUDO DE CASO NOS PAÍSES

- ▶ Chile
- ▶ Brasil
- ▶ México

## Chile

O Chile se destaca na região pela combinação de vários fatores: maximização da disponibilidade de recursos naturais (via recursos solares e eólicos), uma estrutura política clara e ambiciosa e um uso substancial do financiamento dos mercados de capitais para acelerar a transição para a geração de energia renovável.

“Parte do plano de descarbonização do Chile baseia-se na oportunidade única do país de ser rico em energias renováveis, pois temos uma das melhores instalações solares ao norte e fortes ventos ao sul do país. Assim, conseguimos gerar mais de 2.000 gigawatts em produção potencial de eletricidade renovável, já que mapeamos os locais onde a produção de energias renováveis é competitiva. Para entender a magnitude de nosso potencial renovável, esse número equivale a mais de 80 vezes a capacidade inicial atual do Chile.”

**Comentário do Subsecretário de Energia Francisco Javier Lopez, no evento da Janus Henderson em Glasgow, novembro de 2021**

Categoria	Resultado	Classificação
Classificação TEFC na região, ponderada pela população	N/A	9ª posição de 40
Meta de emissões de carbono zero	Compromisso de alcançar as emissões de carbono zero até 2050	N/A
Emissão acumulada de obrigações climáticas e classificação na região, ponderada pela população	US\$9 bilhões	3ª posição de 12 países emissores de obrigações climáticas

Fontes: Agência Internacional para as Energias Renováveis, declaração NDC, Iniciativa de Obrigações Climáticas

## Brasil

Sendo o país mais populoso da região, o Brasil tem sido capaz de utilizar seu tamanho e seu investimento histórico em energia hidrelétrica e biocombustíveis para ajudar a mitigar seu consumo de combustíveis fósseis. O rápido crescimento econômico no início do século XXI, porém, registrou um aumento na produção e no consumo de combustíveis fósseis, ainda com lacunas significativas na eficiência energética doméstica. O ambiente político não tem sido estável, tanto em termos macroeconômicos como direcionalmente, em termos de prioridades do governo – mas apesar disso, o próprio tamanho do mercado brasileiro mostra que um financiamento significativo dos mercados de capitais tem conseguido ajudar a financiar mais a transição energética. Esse fato será essencial para que o Brasil prossiga em sua jornada rumo às emissões de carbono zero, tanto pela diversificação das fontes de energias renováveis – dado o impacto das mudanças nos padrões climáticos sobre a geração de energia hidrelétrica – como pelo aumento da eficiência energética.

“Embora o Brasil tenha uma das maiores parcelas de energias renováveis do mundo, ela está ameaçada pelas mudanças nos padrões climáticos e pela tensão causada pela demanda crescente do sistema de eletricidade.”

**Relatório da AIE “Perfil do País E4: Eficiência Energética no Brasil”, fevereiro de 2021**

Dados	Resultado ponderado	Classificação
Classificação TEFC na região, ponderada pela população	N/A	1ª posição de 40
Meta de emissões de carbono zero	Compromisso de alcançar as emissões de carbono zero até 2050	N/A
Emissão acumulada de obrigações climáticas e classificação na região, ponderada pela população	US\$8,7 bilhões	1ª posição de 12 países emissores de obrigações climáticas

Fontes: Agência Internacional para as Energias Renováveis, declaração NDC, Iniciativa de Obrigações Climáticas

## México

Nos últimos anos, o México tem adotado ações significativas que contribuíram substancialmente para seus esforços de descarbonização. Embora só tenha entrado para a Agência Internacional de Energia em 2018 – o primeiro país latino-americano a alcançar o feito – anteriormente já havia lançado diversas iniciativas políticas com impacto a longo prazo. Em 2013, no setor de transportes, por exemplo, o México introduziu normas de eficiência de combustível para veículos de passeio; atualmente, a eficiência de combustível da frota de veículos de passeio do país permanece no nível da média global.

Mais recentemente, porém, as tentativas do atual governo de aprovar leis para uma reforma energética significativa – o que envolveria uma reforma constitucional – dominaram as discussões políticas e possivelmente desaceleraram o potencial para outras iniciativas importantes. Espera-se que a resolução dos esforços da reforma ocorra em 2022, o que será fundamental para determinar os futuros esforços de descarbonização.

Dados	Resultado ponderado	Classificação
Classificação TEFC na região, ponderada pela população	N/A	3ª posição de 40
Meta de emissões de carbono zero	N/A	N/A
Emissão acumulada de obrigações climáticas e classificação na região, ponderada pela população	US\$3,8 bilhões	2ª posição de 12 países emissores de obrigações climáticas

Fontes: Agência Internacional para as Energias Renováveis, declaração NDC, Iniciativa de Obrigações Climáticas

A equipe de investimentos do Janus Henderson Emerging Market concentra sua abordagem em três propulsores subjacentes e contudentes do desempenho empresarial

## TEMAS DE INVESTIMENTO EMERGING MARKET

### Terceirização

As cadeias de abastecimento físicas e digitais foram globalizadas e fragmentadas, e muitas vezes são as empresas dos mercados emergentes que concentram as competências-chave no centro dessas redes de abastecimento.

### Convergência

Uma mudança a longo prazo nos rendimentos pode levar a uma convergência com as economias mais desenvolvidas em termos das escolhas e exigências feitas pelos consumidores. Para as empresas de mercados emergentes voltadas para o futuro, esse fato constitui um propulsor essencial de crescimento e lucratividade.

### Inovação

Acreditamos que as condições estão propícias para uma explosão nas inovações lideradas pelos mercados emergentes, impulsionadas pelas economias digitalizadas, as grandes populações domésticas e uma nova era de apoio político. As empresas dos mercados emergentes vêm desempenhando um papel proeminente na formação dessa próxima onda.

No contexto das iniciativas de descarbonização da América Latina, encontramos várias empresas cujas estratégias comerciais combinam um ou mais dos fatores acima, posicionando-as no primeiro plano dos esforços de descarbonização regionais, além de reforçar seus méritos de investimento.

### Antofagasta – Chile

A Antofagasta é uma produtora de cobre líder do Chile, cujos fundamentos de investimentos pautam-se por sua exposição a uma recuperação nos preços do cobre, bem como em diversas opções de crescimento incorporadas em sua carteira de investimentos.

A Janus Henderson também reconhece o papel de liderança que a empresa assumiu na descarbonização de suas operações, como parte de uma estratégia geral de ESG para todo o grupo. A Antofagasta planeja, por exemplo, extrair 100% de seus requisitos energéticos de operações baseadas em fontes renováveis, em 2022. O feito já é notável em si, mas também destaca a inovadora abordagem adotada pela Antofagasta, dadas as contínuas mudanças na combinação de energias renováveis chilena. De acordo com a AIE, a produção de energia hidrelétrica apresentou uma queda de 32% no período de um ano em setembro de 2021, dado o impacto de uma grave seca que causou a queda dos níveis de água e das represas para valores mínimos históricos. Como realçamos antes no relatório, porém, a importância da produção solar e eólica vem crescendo no Chile. Sua produtividade aumentou no mesmo período de um ano, respectivamente 46,0% e 24,5% – destacando o aumento da importância dessas duas fontes de energia para empresas como a Antofagasta, bem como sua capacidade de se adaptar às variações nas dinâmicas dos fornecedores.<sup>1</sup>

### Aeris – Brasil

A Aeris é uma fabricante brasileira de pás de turbinas eólicas, estrategicamente localizada no Nordeste do país. Fundada recentemente, em 2010, ela já estabeleceu uma sólida reputação mundial pela excelência na produção, abastecendo fabricantes globais de turbinas eólicas como a Vestas, a Acciona e a General Electric.

O reconhecido processo de fabricação da Aeris beneficia-se do acesso às importantes instalações portuárias locais, de onde a empresa pode exportar seu produto mais facilmente. A empresa entregou mais de 3.000 MW de equipamentos de energia desde sua fundação (no final de 2020) e, além de ajudar a diversificar os empregos da economia regional na área das tecnologias de energias renováveis, também está reinvestindo quantidades substanciais de capital e recursos em medidas sociais e de segurança, que beneficiam a comunidade local e sua mão-de-obra.

Essa empresa de natureza familiar demonstra a habilidade de pensar a longo prazo no crescimento de sua capacidade operacional. Esse planejamento industrial a longo prazo será necessário à medida que o Brasil prossegue em sua jornada para reduzir a dependência de fontes de energia menos previsíveis, como a energia hidrelétrica, os combustíveis fósseis e os biocombustíveis, que representam mais de 80 por cento de sua combinação energética.<sup>2</sup>

A Aeris também é um exemplo de empresa em um setor estratégico embasado pela AIE, em termos de seu plano de recuperação sustentável pós-Covid para 2021-2023. Com uma combinação energética pública-privada estimada em 30% a 70%, a AIE e o FMI avaliam em conjunto que o investimento de US\$ 1 trilhão por ano nesses setores "impulsionaria o crescimento econômico em uma média 1,1 ponto percentual por ano, mantendo ou gerando 9 milhões de empregos anualmente e fazendo com que 2019 fosse o pico definitivo das emissões globais, garantindo que o mundo permaneça nos trilhos para alcançar suas metas climáticas de longo prazo, incluindo as do Acordo de Paris."<sup>3</sup>

Quer esses planos otimistas sejam realizados ou não, a Aeris, na visão da Janus Henderson, tem estado extremamente bem posicionada para crescer de forma sustentável a longo prazo, dada sua comprovada excelência industrial e o contexto de mais investimentos em geração de energia renovável.

# 46%

A importância da produção solar e eólica vem crescendo no Chile. Sua produtividade aumentou no mesmo período de um ano, respectivamente 46,0% e 24,5%.

# \$ 1 TRILHÃO

Investimento de US\$ 1 trilhão por ano nesses setores "impulsionaria o crescimento econômico em uma média 1,1 ponto percentual por ano.

<sup>1</sup> Fonte: Estatísticas Mensais da AIE, janeiro de 2022.

<sup>2</sup> Fonte: IEA

<sup>3</sup> Fonte: Programa de Transição para Energia Limpa da AIE, Relatório Anual de 2020.

# CHAMADA À AÇÃO NO MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE E NA AMÉRICA LATINA



Este relatório resume o contexto regional das tendências de descarbonização, além de fornecer algumas evidências de estudos de caso em nível nacional e corporativo. As evidências são variadas: embora algumas políticas de longa data tenham permitido que a região já disponha, hoje, de alguns recursos renováveis significativos, as limitadas ambições políticas e o baixo financiamento do setor privado têm impedido o progresso mais rápido na descarbonização até o momento.

Para acelerar o progresso na descarbonização, a Janus Henderson recomenda que todos os intervenientes da região, dos setores público e privado, considerem as seguintes medidas adicionais entre as três principais dimensões de nossa análise – produção de energia renovável, estruturas políticas e emissão do mercado de capitais



### **Potenciar a queda nos custos da produção de energia renovável**

para acelerar a descarbonização: embora os esforços regionais não sejam desprezíveis, muitas vezes eles dependem da energia hidrelétrica, que utiliza intenso capital. As curvas de custo decrescentes na geração de energia eólica e solar devem ser exploradas mais a fundo na região, sempre que as condições naturais o permitam.



### **Aprimorar a coordenação de estruturas políticas**

**regionais:** o estabelecimento de regras e regulamentos mais consistentes entre os diversos países, em questões que variam desde normas técnicas até regulamentos de atividades com uso intenso de carbono, pode agir como catalisador para acelerar a descarbonização. Isso daria mais substância aos compromissos de emissões de carbono zero até 2050, em um nível pan-regional. Em nossa opinião, é provável que essas estruturas consistentes incentivem a formação de capital doméstico e atraiam a descarbonização baseada em investimento estrangeiro em toda a região.



### **Acelerar o uso de ferramentas do mercado de capitais,**

como as obrigações verdes, explorando o crescente pool de ativos dedicados com a função explícita de investir de forma consistente com os princípios de sustentabilidade e investimentos voltados para o clima.

Esperamos que você tenha gostado de saber mais sobre as tendências de descarbonização em andamento na região. Teremos muito prazer em abordar outras regiões de mercados emergentes, em relatórios futuros.

### Notas aos editores

- ▶ Tamanho total do mercado global de US\$ 1 trilhão em emissões climáticas inclui títulos verdes e instrumentos sustentáveis, de acordo com dados do CBI no quarto trimestre de 2021.
- ▶ Tamanho total do mercado de US\$ 45 bilhões em emissões climáticas na América Latina se divide da seguinte forma:
  - Títulos verdes: cerca de \$ 26 bilhões
  - Instrumentos de sustentabilidade: US\$ 2,8 bilhões
  - Financiamento de energia renovável e clima (de empresas não latino-americanas e entidades multilaterais, empréstimos verdes e títulos de sustentabilidade etc.): cerca de \$17 bilhões. Observe que os dados são obtidos de várias fontes.



PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE: [JANUSHENDERSON.COM](https://www.janushenderson.com)

**Janus Henderson**  
INVESTORS

## Important Information

The views presented are as of the date published. They are for information purposes only and should not be used or construed as investment, legal or tax advice or as an offer to sell, a solicitation of an offer to buy, or a recommendation to buy, sell or hold any security, investment strategy or market sector. Nothing in this material shall be deemed to be a direct or indirect provision of investment management services specific to any client requirements. Opinions and examples are meant as an illustration of broader themes, are not an indication of trading intent, are subject to change and may not reflect the views of others in the organization. It is not intended to indicate or imply that any illustration/example mentioned is now or was ever held in any portfolio. No forecasts can be guaranteed and there is no guarantee that the information supplied is complete or timely, nor are there any warranties with regard to the results obtained from its use. Janus Henderson Investors is the source of data unless otherwise indicated, and has reasonable belief to rely on information and data sourced from third parties. **Past performance does not predict future returns. Investing involves risk, including the possible loss of principal and fluctuation of value.**

Not all products or services are available in all jurisdictions. This material or information contained in it may be restricted by law, may not be reproduced or referred to without express written permission or used in any jurisdiction or circumstance in which its use would be unlawful. Janus Henderson is not responsible for any unlawful distribution of this material to any third parties, in whole or in part. The contents of this material have not been approved or endorsed by any regulatory agency.

Janus Henderson Investors is the name under which investment products and services are provided by the entities identified in the following jurisdictions: (a) **Europe** by Janus Capital International Limited (reg no. 3594615), Henderson Global Investors Limited (reg. no. 906355), Henderson Investment Funds Limited (reg. no. 2678531), Henderson Equity Partners Limited (reg. no. 2606646), (each registered in England and Wales at 201 Bishopsgate, London EC2M 3AE and regulated by the Financial Conduct Authority) and Henderson Management S.A. (reg no. B22848 at 2 Rue de Bitbourg, L-1273, Luxembourg and regulated by the Commission de Surveillance du Secteur Financier); (b) the **U.S.** by SEC registered investment advisers that are subsidiaries of Janus Henderson Group plc; (c) **Canada** through Janus Henderson Investors US LLC only to institutional investors in certain jurisdictions; (d) **Singapore** by Janus Henderson Investors (Singapore) Limited (Co. registration no. 199700782N). This advertisement or publication has not been reviewed by Monetary Authority of Singapore; (e) **Hong Kong** by Janus Henderson Investors Hong Kong Limited. This material has not been reviewed by the Securities and Futures Commission of Hong Kong; (f) **Taiwan R.O.C** by Janus Henderson Investors Taiwan Limited (independently operated), Suite 45 A-1, Taipei 101 Tower, No. 7, Sec. 5, Xin Yi Road, Taipei (110). Tel: (02) 8101-1001. Approved SICE licence number 023, issued in 2018 by Financial Supervisory Commission; (g) **South Korea** by Janus Henderson Investors (Singapore) Limited only to Qualified Professional Investors (as defined in the Financial Investment Services and Capital Market Act and its sub-regulations); (h) **Japan** by Janus Henderson Investors (Japan) Limited, regulated by Financial Services Agency and registered as a Financial Instruments Firm conducting Investment Management Business, Investment Advisory and Agency Business and Type II Financial Instruments Business; (i) **Australia and New Zealand** by Janus Henderson Investors (Australia) Limited (ABN 47 124 279 518) and its related bodies corporate including Janus Henderson Investors (Australia) Institutional Funds Management Limited (ABN 16 165 119 531, AFSL 444266) and Janus Henderson Investors (Australia) Funds Management Limited (ABN 43 164 177 244, AFSL 444268); (j) the **Middle East** by Janus Capital International Limited, regulated by the Dubai Financial Services Authority as a Representative Office. No transactions will be concluded in the Middle East and any enquiries should be made to Janus Henderson. We may record telephone calls for our mutual protection, to improve customer service and for regulatory record keeping purposes.

**Outside of the U.S.:** For use only by institutional, professional, qualified and sophisticated investors, qualified distributors, wholesale investors and wholesale clients as defined by the applicable jurisdiction. Not for public viewing or distribution. Marketing Communication.

Janus Henderson, Janus, Henderson, Intech, Knowledge Shared and Knowledge Labs are trademarks of Janus Henderson Group plc or one of its subsidiaries. © Janus Henderson Group plc. H049420\_1221\_PTG